

Em 97, num pequeno texto para uma exposição de três pintores na Galeria Municipal de Montemor, referia a pintura de Sérgio Costa que, com Luís Herberto e Manuel Casa Branca, então realizaram.

Sérgio Costa continua Pintor. Pintor no sentido que sendo o que se lhe refere como actividade, é na sua parte maior o gosto que advém e nos é patente no seu exercício. Pintar é assim um meio de que o autor deita mão para se revelar no prazer do fazer e assumir, no pretexto que o suporta, o registo de "coisas" maiores que aprofunda. Estas "coisas", fragmentos ou paisagens truncadas, guardam o essencial e o permanente da sua pintura. Afirma-se na contenção da cor, no claro-escuro, nas texturas, nos ritmos, corredores de percursos do olhar que nos conduzem pela vontade do Pintor a espaços maiores.

Ganha assim o terreno em que a expressividade e a densidade fazem acontecer a pintura dentro da superfície e torná-la emanente.

O dizer, ou a tentativa de descrever o que o olhar percorre e que a inteligência e a sensibilidade registam, deixa sempre a distância ou o espaço de que o "dito" não acompanha o "feito", porque a forma díspar de que nos servimos aconselha percursos diferentes. A sua convergência permite o registo de opinião, a aproximação a leituras, nunca chaves para entrar. Nunca a porta aberta.

Opinião e leituras que nos permitem dizer da expectativa que o Pintor Sérgio Costa cria com o seu trabalho na extensão e cuidado da sua procura, encontrando nas suas fases as parcelas certas numa aproximação a um sentido amplo da pintura suportada e mantida nas suas próprias raízes.

Rogério Ribeiro
Janeiro 2001